



HISTÓRIA, CAMPO E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DA SOBERANIA NACIONAL E ESPIRITUAL NO EDITORIAL *TENHO UM IDEAL*, DE DOM CARLOS DUARTE COSTA

HISTORY, FIELD AND DISCOURSE: THE CONSTRUCTION OF NATIONAL AND SPIRITUAL SOVEREIGNTY IN THE EDITORIAL TENHO UM IDEAL, BY DOM CARLOS DUARTE COSTA

DOI: 10.5281/zenodo.22821606



João Carlos Zanella¹

RESUMO

Este artigo analisa o editorial *Tenho um Ideal* (1950), escrito pelo bispo dissidente Dom Carlos Duarte Costa após sua excomunhão como *vitando* pelo Vaticano. O estudo investiga como o autor converteu a punição canônica em capital político para fundamentar a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) e contestar a hegemonia romana. Metodologicamente, a pesquisa articula três lentes teóricas da ciência social: a História dos Intelectuais de Jean-François Sirinelli, examinado como *intellectuel engagé*; a Sociologia do Campo Religioso de Pierre Bourdieu, compreendendo o bispo como um agente profético contra o sacerdócio burocrático; e a Análise de Discurso de Eni Orlandi, focando no deslocamento polissêmico da excomunhão e no discurso polêmico de resistência. O cruzamento dessas perspectivas revela que o manifesto não constitui um mero desvio individual, mas um projeto estratégico de soberania nacional e emancipação das classes populares, frente aos imperialismos do pós-guerra.

Palavras-chave: Resistência; Soberania; Discurso.

¹ Mestre em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Brasil. Doutorando em Teologia, Bolsista da Capes, Discente do PPG da Faculdades EST de São Leopoldo RS. E-mail: jocazanella@yahoo.com.br. ID Lattes: 7663567635537704.





ABSTRACT

This article analyzes the editorial *Tenho um Ideal* (1950), written by dissident bishop Dom Carlos Duarte Costa following his excommunication as *vitando* by the Vatican. The study investigates how the author converted canonical punishment into political capital to establish the Brazilian Catholic Apostolic Church (ICAB) and challenge Roman hegemony. Methodologically, the research articulates three theoretical lenses from contemporary social science: Jean-François Sirinelli's History of Intellectuals, examining him as an *intellectuel engagé*; Pierre Bourdieu's Sociology of the Religious Field, understanding the bishop as a prophetic agent against bureaucratic priesthood; and Eni Orlandi's Discourse Analysis, focusing on the polysemic shift of excommunication and polemical discourse as resistance. The intersection of these perspectives reveals that the manifesto is not a mere individual deviation, but a strategic project of national sovereignty and popular emancipation against post-war imperialisms.

Keywords: Resistance; Sovereignty; Discourse.

A linguagem humana não constitui um instrumento neutro ou um mero invólucro formal destinado à livre transmissão de pensamentos; ela é uma prática social opaca, indissociável do político e da ideologia, operando como o próprio terreno, em que sujeitos e sentidos, são constituídos e disputados historicamente.

No Brasil de meados do século XX, o campo religioso revelou-se um espaço de profundas tensões e clivagens político-institucionais, no qual a palavra escrita e o discurso eclesástico funcionavam como armas de hegemonia ou vetores de resistência soberana contra monopólios eclesásticos transnacionais. O presente artigo tem como tema central a análise crítico-discursiva do editorial *Tenho um Ideal*,² publicado na décima segunda edição da revista *Luta!*,³ de autoria do bispo dissidente Dom Carlos Duarte Costa.

Duarte Costa, ex-bispo diocesano de Botucatu, da Igreja Católica Apostólica Romana, havia sido excomungado pelo Santo Ofício em 6 de julho de 1945, sob a gravosa cláusula de *excomungado vitando*, uma sentença canônica extrema, cujo propósito explícito era aniquilar sua atuação pública, interditando qualquer convívio social, civil e espiritual com seus fiéis, impondo sobre sua dissidência um silenciamento institucional absoluto.

2 COSTA, Carlos Duarte. *Tenho um Ideal!*. *Luta!*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 3-5, set. 1950.

3 *Luta!* Foi editada no Rio de Janeiro, de 1947 a 1958, no total de 25 exemplares.





Ao invés de submeter-se ao apagamento social decretado por Roma, Dom Carlos fundou a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) e utilizou o editorial de 1950 como um manifesto de soberania e resistência ideológica. A delimitação deste assunto concentra-se na confluência de três importantes e consolidadas lentes teórico-metodológicas da ciência social contemporânea: a *História dos Intelectuais*⁴ de Jean-François Sirinelli, a *Sociologia das Trocas Simbólicas*⁵ de Pierre Bourdieu e a *Análise de Discurso* (AD),⁶ formulada por Eni Orlandi.

O cruzamento dessas três perspectivas justifica-se pela complexidade do objeto de estudo. Duarte Costa não pode ser satisfatoriamente compreendido por abordagens hagiográficas ou puramente dogmáticas; ele é, fundamentalmente, um clérigo dissidente cujo *itinerário* pessoal de ruptura,⁷ cuja posição em luta no campo religioso em face do monopólio sacerdotal romano⁸ e cujo gesto discursivo de transgressão em face da administração institucional dos sentidos,⁹ exigem um olhar analítico que integre história, sociologia e linguagem.

Investigar o editorial *Tenho um Ideal* à luz dessa tríade *geodésica, sociológica e discursiva* permite compreender como a resistência espiritual se converte em um projeto político de soberania e identidade nacional. Diante desse cenário de confronto pelo monopólio da legitimidade da fé e do patriotismo no Brasil do pós-guerra, sob a administração civil de Eurico Gaspar Dutra, formula-se o seguinte problema de pesquisa: como Dom Carlos articula, discursivamente, sua posição de dissidência religiosa e resistência política em seu editorial *Tenho um Ideal*, mobilizando as instâncias de seu *itinerário* intelectual, as relações de força no *campo religioso* e as marcas *discursivo-ideológicas* para subverter a *excomunhão* decretada pelo Vaticano e fundamentar a soberania espiritual da Igreja Católica Apostólica Brasileira?

4 SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité ? Une história en chantier : l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 9, jan.-mar. 1986, p. 97-108.

5 BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. Introdução e Organização de Sérgio Miceli. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007.

6 ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

7 SIRINELLI, 1986, p. 97.

8 BOURDIEU, 2007, p. 27, 57.

9 ORLANDI, 1999, p. 10.





Para orientar a investigação e propor respostas provisórias a esse problema, estabelecem-se três hipóteses de trabalho correlacionadas, correspondentes a cada uma das lentes de análise adotadas: a) hipótese Sirinelliana (*História dos Intelectuais*): Dom Carlos atua no cenário nacional como um *intellectual engagé* nas funções de ator e testemunha das fraturas geopolíticas e sociais de seu tempo.¹⁰ Seu *itinerário* individual de *excomunhão* é ressignificado e convertido em *capital simbólico* de contestação ativa, servindo-se da revista *Luta!* e da fundação da ICAB como redes e estruturas de sociabilidade alternativas, verdadeiros microclimas dissidentes,¹¹ capazes de cimentar a aliança e a identidade de uma geração de intelectuais, militares e fiéis nacionalistas e reformistas do pós-guerra, b) hipótese Bourdieusiana (*Sociologia do Campo Religioso*): o editorial se constitui como um clássico *discurso profético herético* que visa quebrar o monopólio de administração legítima dos bens de salvação, detido pela Igreja Romana e representado pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.¹² Para tanto, Duarte Costa desmascara a *alquimia ideológica* do Vaticano, que transfigura as relações de força geopolíticas e econômicas (a sujeição do país ao imperialismo americano e à opressão latifundiária romana) em relações sobrenaturais imutáveis, propondo um programa herético de extinção de juro e nacionalização da Igreja que atua, como uma sociodicéia em prol do *Zé Povo*.¹³ c) hipótese Orlandiana (*Análise de Discurso*): o sujeito discursivo opera um violento *deslocamento polissêmico* na palavra *excomunhão*,¹⁴ quebrando a paráfrase ritualística ultramontana (que cristalizava a *excomunhão* canônica como danação e exclusão civil) e transformando-a em *o maior benefício de sua vida*. Ao fazê-lo, engaja-se em um discurso polêmico como prática de resistência,¹⁵ reconfigurando as *formações imaginárias* e as relações de força a partir de seu *lugar enunciativo* (o altar de Deus) para combater o *silenciamento* e a censura institucional e ideológica, imposta por seus oponentes.¹⁶

10 SIRINELLI, 1986, p. 99.

11 SIRINELLI, 1986, p. 101, 103.

12 BOURDIEU, 2007, p. 57, 171-172.

13 BOURDIEU, 2007, p. 49, 69-70.

14 ORLANDI, 1999, p. 36-37.

15 ORLANDI, 1999, p. 86-87.

16 ORLANDI, 1999, p. 39, 82-83.





Nesse quadro teórico-metodológico, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar as *estruturas de produção de sentido, as relações de força simbólica, as redes de sociabilidade* e o *funcionamento do discurso polêmico de resistência*, no editorial *Tenho um Ideal* de Dom Carlos, por meio do cruzamento sistemático e rigoroso das perspectivas de Jean-François Sirinelli, Pierre Bourdieu e Eni Orlandi, a fim de compreender os mecanismos historiográficos, sociológicos e linguísticos pelos quais se articulou a fundamentação de uma igreja nacional soberana, no Brasil de meados do século XX.

Este estudo repousa na imperiosa necessidade de superação do empirismo ingênuo e da amnésia da gênese histórica, que frequentemente caracterizam as análises sobre os movimentos cismáticos e heréticos.¹⁷ Conforme adverte Bourdieu, “a verdade de um fenômeno cultural depende do sistema de relações históricas e sociais nos quais ele se insere”.¹⁸ Ao articular de maneira interdisciplinar os conceitos de *itinerário intelectual*,¹⁹ *poder simbólico de legitimação e consagração*²⁰ e as *condições de produção e silenciamento discursivos*,²¹ este artigo se justifica por desvelar a opacidade constitutiva do manifesto editorial de Duarte Costa.

Revela-se, assim, que as propostas de eliminação de juros, impostos e intermediários apresentadas por Duarte Costa, não eram meras fórmulas retóricas abstratas ou desvios individuais, mas sim estratégias de deslegitimação ativa do Vaticano, estruturadas em uma sólida relação de homologia entre a revolta material das classes desfavorecidas, contra o latifúndio papal e a luta herética interna dos especialistas do baixo clero, pelo controle dos *bens de salvação*.²²

A metodologia adotada assume caráter qualitativo e exploratório, baseando-se no cruzamento analítico das três lentes mencionadas. A coleta de dados consistiu na seleção e síntese do texto editorial *Tenho um Ideal*, de Duarte Costa, publicado na revista *Luta!*.

17 BOURDIEU, 2007, p. 79, 158.

18 BOURDIEU, 2007, p. 87.

19 SIRINELLI, 1986, p. 97.

20 BOURDIEU, 2007, p. 116, 166-167.

21 ORLANDI, 1999, p. 30, 82.

22 BOURDIEU, 2007, p. 64, 72, 348.





O procedimento de análise de dados foi estruturado em três etapas investigativas complementares, descritas a seguir: 1ª etapa: mapeamento historiográfico (Jean-François Sirinelli), reconstituição do *itinerário* intelectual e político de Dom Carlos²³ e investigação do papel mediador da revista *Luta!* e da ICAB como *estruturas de sociabilidade* dissidentes e *microclimas* intelectuais e políticos geracionais do pós-guerra.²⁴ 2ª etapa: *análise sociológica do campo* (Pierre Bourdieu), mapeamento das relações de força no interior do *campo religioso* brasileiro, analisando a concorrência pelo monopólio da legitimação canônica²⁵ e decifrando a tensão entre o *sacerdócio burocrático* e a *profecia carismática-herética* de Duarte Costa, como portadora de uma sociodicéia das classes populares.²⁶ 3ª etapa: *análise discursiva e ideológica* (Eni Orlandi), investigação linguística das *condições de produção* do manifesto,²⁷ identificando a tensão entre *paráfrase* e *polissemia* na palavra *excomunhão*,²⁸ a estrutura das *formações imaginárias* e das *relações de força discursivas*,²⁹ os *mecanismos de silenciamento* e *censura política*³⁰ e o funcionamento do *discurso polêmico* como instrumento de resistência herética.³¹ Por fim, as considerações finais.

TENHO UM IDEAL! – EDITORIAL DE DOM CARLOS DUARTE COSTA

O editorial *Tenho um Ideal!* é um manifesto contundente e abrangente de Dom Carlos, escrito em um momento de profunda reflexão histórica e resistência política. Ao celebrar o quinto aniversário de sua excomunhão, ocorrida em 6 de julho de 1945, ele não apenas reafirma sua ruptura com Roma, mas a ressignifica como o *maior benefício de sua existência*. O texto é uma peça de retórica inflamada, que conecta a perseguição religiosa pessoal de Duarte

23 SIRINELLI, 1986, p. 97.

24 SIRINELLI, 1986, p. 101, 103.

25 BOURDIEU, 2007, p. 57, 171-172, 399.

26 BOURDIEU, 2007, p. 49, 58.

27 ORLANDI, 1999, p. 30.

28 ORLANDI, 1999, p. 36.

29 ORLANDI, 1999, p. 39-40.

30 ORLANDI, 1999, p. 82-83.

31 ORLANDI, 1999, p. 86-87.





Costa, à soberania nacional brasileira, à conjuntura geopolítica do pós-guerra e à luta por uma reforma social profunda. As primeiras palavras são:

É sempre diante do altar de Deus que passo o dia 6 de Julho, tributando-lhe minhas ações de graças, pelo benefício, a mim, concedido, o maior de todos, na minha vida: A EXCOMUNHÃO, com a pena máxima, posteriormente, a mim, aplicada, em Decreto do SANTO OFÍCIO, de ser eu um EXCOMUNGADO VITANDO, querendo isso dizer que ninguém pode se aproximar de mim, ninguém pode falar comigo, ninguém pode me vender nada, ninguém pode me dar um pedaço de pão e, com a minha morte, o meu corpo não poderá ser sepultado em cemitério comum, devendo ser tragado pelas ondas do mar e devorado pelos peixes ou feito carniça para os urubus.³²

O texto inicia-se com uma análise da natureza da penalidade que lhe foi imposta pelo Santo Ofício: a condição de excomungado *vitando*. Duarte Costa detalha as implicações dessa sentença, que visava transformá-lo em um pária absoluto, privado de convívio social, de meios de subsistência e até do direito a um sepultamento comum. Entretanto, ele inverte a lógica da punição, ao afirmar que tal honraria foi o preço pago por denunciar o que chama de abjeta organização vaticanista, a qual caracteriza como uma polícia de alta traição à pátria brasileira.

Senhores: Tudo por que? Porque denunciei, ao público brasileiro, os Bispos, os padres, os Frades, as Freiras; a Ação Católica, enfim toda essa tremenda e abjeta organização vaticanista, esse exército internacional, essa Polícia, de ALTA TRAIÇÃO À PÁTRIA. Os jornais, de então, confirmaram a minha denúncia. E, si o Tribunal de Segurança fosse composto de JUIZES e não de TRAIDORES DA PÁTRIA, mais traidores do que os denunciados, o Brasil não teria tido o Governo atual, inepto, venal, corruptor de todas as consciências, para conseguir seu fim: ENTREGAR O BRASIL AO VATICANO e AO IMPERIALISMO AMERICANO.³³

E, sobre sua *excomunhão*, ele reafirma:

Senhores: Por que fui excomungado? Porque prefaciei o livro “PODER SOVIÉTICO”. E si não fosse o Poder Soviético, os aliados teriam ganho a Guerra? Não, absolutamente, não. Terminadas as operações bélicas, o Mundo verificou que o Imperialismo Germânico foi substituído por dois Imperialismos: O DO VATICANO e O AMERICANO.³⁴

Para Dom Carlos, a Igreja Romana não atua como uma instituição de fé, mas como um *exército internacional*, que se infiltra nas instituições nacionais, para subverter a independên-

32 COSTA, 1950, p. 3.

33 COSTA, 1950, p. 3.

34 COSTA, 1950, p. 3.





cia do país. A crítica política é dirigida com vigor ao governo de Eurico Gaspar Dutra, classificado como inepto, venal e corruptor.

Dom Carlos sustenta que o Brasil foi entregue a dois novos imperialismos que surgiram das cinzas da Segunda Guerra Mundial, após a derrota do nazi-fascismo: o *Imperialismo do Vaticano* e o *Imperialismo Americano*.

Ele acusa a administração de Dutra de desonrar os soldados brasileiros mortos em Pistóia, transformando o ser humano brasileiro em *carne para canhão*, apenas para enriquecer a Igreja e os magnatas nacionais, escravos do ouro estrangeiro. Segundo o editorial, esse sistema de dominação comprou a imprensa, o rádio, o Congresso e os tribunais, instaurando um regime de Idade Média, onde a vontade do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, sobrepõe-se à lei e à lógica: “E neste país só se faz o que o Cardial quer. Daí, vive o país num regime de IDADE MÉDIA. Vergonha das vergonhas!...”³⁵

No que tange ao processo democrático, Duarte Costa expressa um ceticismo absoluto em relação às eleições de 1950. Ele denuncia a farsa eleitoral, em um país onde o Congresso cassa mandatos populares e os partidos políticos competem, apenas para ver quem será mais subsequente aos desejos do Vaticano e de Washington.

Duarte Costa afirma que o povo brasileiro repudia esses imperialismos, mas vê-se órfão de lideranças, uma vez que candidatos genuinamente populares são impedidos de concorrer, por não se dobrarem à vontade do Cardeal. Ele cita o exemplo do Dr. Mariz e Barros, como um nacionalista digno que, ao abraçar o programa social da Igreja Brasileira, sofreu perseguição e prisão por ordens eclesiásticas. A solução apresentada é radical: o povo só será livre quando houver a *nacionalização da Igreja no Brasil*, removendo o controle estrangeiro sobre a alma e o solo nacional.

A dimensão social do texto rebate as acusações de *comunismo*, frequentemente lançadas contra Dom Carlos. Ele esclarece que sua prisão, tramada por Getúlio Vargas e generais, baseou-se em uma devassa que nada encontrou de ilícito, servindo apenas como prova do desrespeito constitucional do governo.

35 COSTA, 1950, p. 3.





Ele justifica seu apoio ao regime de *Stalin*, durante a guerra, não por ideologia partidária, mas por realismo geopolítico, argumentando que sem a Rússia os aliados não teriam vencido o fascismo. É sabido que prefaciou o livro *O Poder Soviético*. Sobre isso ele afirma:

Como o deão de Canterbury, fui taxado de COMUNISTA. Não sei si êle o foi. Eu fui fichado Comunista, pela Polícia de Belo Horizonte, quando preso e incomunicável, pelo Presidente Getúlio Vargas, pelo General Dutra, tendo sido a minha prisão tramada, num almoço, em casa do célebre e despudorado CONEGO OLIMPIO DE MELLO. E essa mesma Polícia, procedendo a uma devassa, na Igreja da Penha, da Igreja Brasileira, nada encontrou que cheirasse a comunismo, sendo obrigado o Chefe de Polícia a informar, ao Congresso, que nada existia contra mim e os meus sacerdotes, constituindo isso a melhor prova contra o crime praticado, pelo Presidente da República e pelo Ministro da Justiça, contra a Constituição da República, no seu art. 141 § 7.

36

Sua crítica estende-se às encíclicas papais *Rerum Novarum*³⁷ e *Quadragesimo Anno*,³⁸ que ele classifica como *mentirosas*, por fingirem resolver a questão social, enquanto o Vaticano permanece como um dos maiores latifundiários do mundo.

Duarte Costa detalha os pilares do que considera o seu verdadeiro patriotismo e dever cristão: *a eliminação das instituições geradoras de injustiça social*. O programa da ICAB propõe a extinção do juro, do intermediário-encarecedor, do protecionismo alfandegário e da pluralidade de impostos, visando reintegrar a pessoa humana em seus direitos naturais sobre o planeta. Para Duarte Costa, o Vaticano insurge-se contra esses direitos, porque vive da *manutenção da miséria alheia*. Ele define o Vaticano como *um poder inconstitucional e totalitário, uma monarquia absoluta*, onde o soberano se coloca acima de qualquer discussão. E compara o Colégio de Cardeais a um grupo de *engrossadores*. Para ilustrar a corrupção papal, ele recorre a uma citação de Santa Brígida, que descreve a cúpula romana como mais traidora que Judas e mais cruel que Pilatos. Um ponto crucial do editorial é o desmentido veemente de boatos sobre seu retorno à Igreja Romana. Duarte Costa rotula Dom Jaime de Barros Câmara

36 COSTA, 1950, p. 4.

37 LEÃO XIII. **Rerum novarum**: sobre a condição dos operários. Roma, 15 maio 1891. Disponível em: Vatican.va – Rerum Novarum. Acesso em: 23 jul. 2026.

38 PIO XI. **Quadragesimo anno**: sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no XL aniversário da encíclica Rerum novarum. Roma, 15 maio 1931. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 23 jul. 2026.





como um cardeal *mentiroso e macaco numa loja de louça*, afirmando que as notícias de sua reconciliação com Roma são tentativas malévolas de desmoralizá-lo.

Ele garante que a Igreja Brasileira cresce diariamente e que a negativa de seu Mandado de Segurança, pelo Supremo Tribunal Federal, não impediu o funcionamento da instituição. Pelo contrário, Dom Carlos revela que, por um decreto de 2 de dezembro de 1949, a ICAB modificou oficialmente seus ritos e vestes, resolvendo as pendências jurídicas de confusão ritual, levantadas pelo Ministério da Justiça, e assegurando sua existência como uma sociedade civil e religiosa autônoma, dentro do território nacional.

O editorial encerra-se com uma imagem poderosa e uma denúncia da exploração do *Zé Povo*. Através de uma charge e de comentários ácidos, Dom Carlos descreve a pessoa brasileira comum como alguém conduzido por correntes no pescoço, pelos agentes do Vaticano, que utilizam máscaras de decência e a ameaça da *excomunhão*, para viver do suor alheio e explorar a fé sincera do povo em Cristo.



Figura³⁹

39 O povo brasileiro... COSTA, 1950, p. 5.



O *Ideal* de Duarte Costa, portanto, é a libertação dessa massa: o retorno de um *Cristo purificado* ao coração da humanidade, livre da *conspuração do império papal*. Ele reafirma seu compromisso de nunca mais voltar a uma cristandade que considera falsa, encerrando sua nota com a dignidade de quem se vê como o verdadeiro bispo do Rio de Janeiro, lutando incansavelmente por *Deus, Terra e Liberdade*.

A GEODÉSIA DE SIRINELLI APLICADA AO MANIFESTO DE DOM CARLOS DUARTE COSTA

A investigação histórica do editorial *Tenho um Ideal*, assinado pelo *Bispo excomungado* Duarte Costa, ganha uma profunda dimensão analítica quando submetida à metodologia de Sirinelli. Em seu ensaio teórico-histórico *Le hasard ou la nécessité? une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels*, Sirinelli propõe superar a tradicional e abstrata *história das ideias* e as narrativas puramente genealógicas⁴⁰ para investigar de forma empírica e contextual *como o espírito vem aos clérigos*.⁴¹ Para tanto, o historiador francês propõe a utilização de uma abordagem *geodésica* baseada em uma tríade de instrumentos de investigação científica: a reconstituição de *itinerários*, o mapeamento de *estruturas de sociabilidade* e a identificação de *gerações intelectuais*.⁴²

Sirinelli aponta a existência de duas definições complementares de *intelectual*: uma ampla, de caráter sociológico e cultural, que engloba os produtores, difusores e receptores de cultura; e uma definição mais estreita e de cunho político, articulada em torno do engajamento ativo na vida da cidade.⁴³

Nesta última acepção, o *intelectual* pode assumir o papel de *ator*, intervindo diretamente no jogo político, de *testemunha*, que capta, clarifica e amplifica as tensões e os grandes desafios de sua época, ou de *consciência crítica*. O percurso de Dom Carlos ilustra de forma exemplar a transição de um mediador cultural (bispo diocesano tradicional da Igreja Romana)

40 SIRINELLI, 1986, p. 97-98.

41 SIRINELLI, 1986, p. 98.

42 SIRINELLI, 1986, p. 97-98, 101.

43 SIRINELLI, 1986, p. 98-99.





para a condição de um intelectual engajado na vida da *polis*, sob a dupla faceta de *ator e testemunha*.⁴⁴ O *itinerário* de Dom Carlos é estruturado a partir de um sismo biográfico central: a sua *excomunhão* como *excomungado vitando* pelo Santo Ofício, em 1945.

Longe de aceitar passivamente o isolamento social e político que a sentença romana visava lhe impor, de modo a transformá-lo em um pária absoluto, privado inclusive de sepultamento comum, Duarte Costa opera uma radical inversão de sentido em sua trajetória. Ele classifica a excomunhão como o *maior benefício de sua existência*, utilizando essa pena espiritual como *capital político-simbólico* que atesta a sua independência e legitima o seu papel de denúncia contra a *abjeta organização vaticanista*. Na terminologia de Sirinelli, os *itinerários individuais* revelam direções privilegiadas, pontos de fragilidade e desvios nas trajetórias intelectuais. Através da reconstituição sistemática de percursos, pode-se mapear as *crues* (momentos de cheia e intensificação do engajamento) e os *étiages* (fases de recuo e refluxo) do ativismo dos intelectuais.⁴⁵ O cisma de 1945 não representou uma fase de refluxo para Dom Carlos, mas o estopim de uma vigorosa *crue* de engajamento, em que ele abandonou as chancelas tradicionais e se lançou na esfera pública, para intervir ativamente em debates nacionais, de alta repercussão política.

No editorial, ele conecta sua perseguição à própria soberania e segurança nacional, denunciando o governo Dutra por tentar *entregar o Brasil ao Vaticano e ao imperialismo americano*. A análise puramente interna das ideias de Dom Carlos é insuficiente sem a compreensão de suas bases sociais de sustentação. Sirinelli define as estruturas de sociabilidade como agrupamentos voluntários, permanentes ou temporários, formais ou informais, que ocupam o *domínio intermediário* entre a família e a comunidade de participação cívica obrigatória.⁴⁶

Esses grupos ou *redes de sociabilidade (réseaux)* criam *microclimas* em que se desenvolvem laços estreitos de solidariedade, amizade ou fidelidade combativa.⁴⁷ Para Sirinelli, a revista de ideias (*la revue*) exerce um papel fundamental na estruturação do *campo intelectual*

44 SIRINELLI, 1986, p. 99.

45 SIRINELLI, 1986, p. 101.

46 SIRINELLI, 1986, p. 103.

47 SIRINELLI, 1986, p. 103-104.





por meio de mecanismos paralelos e opostos de adesão e de exclusão.⁴⁸ O editorial de Dom Carlos foi publicado no órgão oficial de divulgação da sua dissidência: a revista *Luta!* Essa publicação, aliada à consolidação institucional da Igreja Católica Apostólica Brasileira, constituiu uma *rede* e uma *estrutura de sociabilidade* alternativa, que gerou um *microclima* de resistência e coesão contra o clero ultramontano oficial.⁴⁹

Através da revista e da ICAB, Dom Carlos demarcou fronteiras explícitas de adesão ao seu programa reformista, que pregava a *nacionalização da Igreja* e profundas *reformas sociais* de viés distributivo, e de exclusão em face da cúpula romana, a quem ele rotulou de *traidores da pátria* e *engrossadores*.

A alteração oficial dos ritos e vestes da ICAB, pelo decreto de 2 de dezembro de 1949, representou uma materialização formal de isolamento ritualístico e autonomia jurídica e civil, blindando o *microcosmo dissidente* contra as tentativas de desmoralização, espalhadas pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.⁵⁰

A terceira ferramenta da análise *geodésica* proposta por Sirinelli é a *geração intelectual*. Cimentada por Raoul Girardet e adotada por Sirinelli, a geração é entendida como um grupo social, clara e ideologicamente delimitado, cuja sensibilidade coletiva é forjada pelo impacto de um *evento ou crise fundadores* comuns.⁵¹ O choque dos conflitos armados mundiais e as disputas totalitárias funcionam como crises nacionais e internacionais dramáticas, forçando o aparecimento de novas escalas de engajamento.⁵² Sirinelli descreve o período entre 1919 e 1945, marcado pelo embate visceral entre *antifascismo* e *anticomunismo*, como uma verdadeira *revolução copernicana*, que alterou permanentemente o *campo de forças* e a *abóbada do céu ideológico dos intelectuais*.⁵³

O editorial de 1950 é um produto direto desse horizonte histórico e expressa a visão de mundo de uma geração de intelectuais nacionalistas e reformistas pós-guerra no Brasil, cuja

48 SIRINELLI, 1986, p. 103.

49 SIRINELLI, 1986, p. 103-104.

50 SIRINELLI, 1986, p. 103-104.

51 SIRINELLI, 1986, p. 105-106.

52 SIRINELLI, 1986, p. 97, 100, 106.

53 SIRINELLI, 1986, p. 97, 100.





sensibilidade foi moldada pelos horrores e recomposições da Segunda Guerra Mundial.⁵⁴ Dom Carlos interpreta o cenário mundial através da transição do pós-guerra, identificando que a queda do *imperialismo nazi-germânico* resultou em sua imediata substituição por dois novos imperialismos hegemônicos: o do Vaticano e o Americano.

Ele fundamenta seu posicionamento geopolítico no realismo histórico da guerra, asseverando que a vitória aliada contra o fascismo teria sido impossível sem a intervenção do *Poder Soviético*, justificando pragmaticamente o prefácio que assinou para a obra homônima. Essa dimensão geracional também explica seu nacionalismo defensivo: para libertar o país das amarras dos imperialismos dominantes que colonizavam as instituições civis (imprensa, rádio, Congresso e tribunais), ele evoca a necessidade revolucionária de *nacionalização da Igreja* e de libertação da massa agrária nacional do latifúndio católico e da dominação financeira estrangeira.⁵⁵

O CAMPO RELIGIOSO COMO ESPAÇO DE LUTAS E A DISPUTA PELO MONOPÓLIO DA SALVAÇÃO NA ÓTICA DE BOURDIEU

Para Bourdieu, o *campo religioso* constitui um campo de forças e de lutas contínuas entre *agentes* que disputam o monopólio da administração legítima dos *bens de salvação*.⁵⁶ A Igreja Romana funciona como um aparelho burocrático altamente integrado que busca manter a gestão monopolista do *capital religioso acumulado*.⁵⁷ Esse processo de monopolização gera uma desapropriação objetiva dos leigos, destituindo-os do *capital simbólico acumulado* e relegando-os à condição de profanos dependentes.⁵⁸

Dom Carlos, ao ser excomungado, como *excomungado vitando*, sofreu a sanção máxima de exclusão simbólica da ortodoxia vaticana.⁵⁹ No entanto, em seu editorial, ele subverte radicalmente essa violência simbólica: em vez de aceitar a expropriação de sua autoridade re-

54 SIRINELLI, 1986, p. 100, 106.

55 SIRINELLI, 1986, p. 100, 106.

56 BOURDIEU, 2007, p. 27, 57, 65.

57 BOURDIEU, 2007, p. 60.

58 BOURDIEU, 2007, p. 43.

59 BOURDIEU, 2007, p. 67, 111.





ligiosa, proclama a *excomunhão* como o *maior benefício* de sua existência. Ao fundar a Igreja Católica Apostólica Brasileira, Duarte Costa rompe com o monopólio de Roma, contestando a legitimidade do Santo Ofício e recusando-se a aceitar o estatuto de *herético* privado, institucionalizando o cisma, de forma autônoma.⁶⁰

A estrutura do *campo religioso* se organiza típico-idealmente em torno do conflito entre diferentes agentes de salvação: o *sacerdote* e o *profeta*.⁶¹ O *sacerdote* é o funcionário burocrático de uma empresa religiosa que administra e reproduz a matriz de significações imposta pela classe dominante, retirando a ordem social do plano das relações objetivas de força, para projetá-la como um produto de uma vontade divina eterna, inquestionável e naturalizada.⁶² O *profeta* surge como o portador de um *discurso de origem*, um agente herético que desafia o monopólio eclesiástico estabelecido e dispensa uma salvação gratuita.⁶³ O poder do *profeta* não decorre de um *capital inicial da instituição*, mas baseia-se unicamente em sua própria pessoa, em sua conduta exemplar de sacrifício e na sua aptidão para explicitar e simbolizar de forma coerente as aspirações e sofrimentos de grupos dominados.⁶⁴

Dom Carlos se estabelece no *campo religioso* como a personificação do *profeta*. Ele fundamenta sua autoridade na sua conduta exemplar de perseguição e sofrimento físico e moral (*fui fichado Comunista, preso e incomunicável*), despido de qualquer capital inicial de Roma.⁶⁵ Ao formular seu *Ideal* (a nacionalização da Igreja e a reforma social), ele assume a voz dos grupos negativamente privilegiados, o *Zé Povo*, explorado pela cobrança de juros e intermediários, estruturando suas demandas latentes e contestando a tradição dominante de Roma.⁶⁶ Por outro lado, ele rotula o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara como o típico funcionário da ordem burocrática, um *cardeal mentiroso*, encarregado de silenciar a heresia para proteger seus interesses burocráticos e os interesses materiais do Vaticano.⁶⁷

60 BOURDIEU, 2007, p. 43, 126.

61 BOURDIEU, 2007, p. 53, 58-59.

62 BOURDIEU, 2007, p. 58, 60, 120.

63 BOURDIEU, 2007, p. 58-59, 61.

64 BOURDIEU, 2007, p. 58, 61, 94.

65 BOURDIEU, 2007, p. 61.

66 BOURDIEU, 2007, p. 58, 61, 91.

67 BOURDIEU, 2007, p. 57-58.





Bourdieu demonstra que a *manutenção da ordem simbólica* contribui diretamente para a manutenção do sistema de dominação política.⁶⁸ A Igreja Romana desempenha uma função política de legitimação social, através de uma *alquimia ideológica*: as representações religiosas transfiguram relações de força econômica e geopolítica, em relações sobrenaturais sagradas, naturalizando as desigualdades como parte da ordem natural-sobrenatural do cosmos.⁶⁹

Em seu editorial, Duarte Costa ataca frontalmente essa *alquimia ideológica* exercida pelo Vaticano. Ele denuncia a cumplicidade entre a Igreja Romana e o *campo do poder* político brasileiro (a administração de Eurico Gaspar Dutra e Getúlio Vargas), rotulando a Igreja de *exército internacional* e *Polícia de alta traição à pátria*, a serviço da entrega do Brasil ao *imperialismo vaticanista e americano*.⁷⁰

Dom Carlos desconstrói a pretensa legitimação social das encíclicas papais *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*, classificando-as como *mentirosas*, pois encobrem o fato de que a Igreja Romana é uma das maiores detentoras de poder material e latifundiário do planeta.⁷¹ De acordo com Bourdieu, a *mensagem profética* de Dom Carlos age desvelando que a *teodiceia oficial do Vaticano* é, em verdade, uma *sociodiceia*,⁷² isto é, uma justificativa de privilégios de classe em que as decisões do Cardeal Dom Jaime se impõem sobre as leis brasileiras, como se fossem a ordem eterna estabelecida.⁷³

Bourdieu argumenta que as *revoltas heréticas* ou os *movimentos proféticos* no *campo religioso*, frequentemente encontram força nos especialistas dominados da cúpula eclesiástica, como o baixo clero e a inteligência proletaróide, que ocupam lugares de grande tensão estrutural e posições inconsistentes.⁷⁴ Por estarem inseridos no aparelho de dominação simbólica, mas em posições subalternas, esses agentes funcionam como os *pontos de Arquimedes*, capazes de articular o conflito interno da Igreja, com o conflito externo dos leigos oprimidos.⁷⁵

68 BOURDIEU, 2007, p. 69.

69 BOURDIEU, 2007, p. 28, 60, 70-71.

70 BOURDIEU, 2007, p. 57, 69-70.

71 BOURDIEU, 2007, p. 49, 56.

72 BOURDIEU, 2007, p. 49, 53.

73 BOURDIEU, 2007, p. 49, 71-72.

74 BOURDIEU, 2007, p. 64, 72.

75 BOURDIEU, 2007, p. 64, 72.





Duarte Costa, embora fosse bispo, rompeu com a alta hierarquia romana para capitanear essa sensibilidade dissidente. Ele atua na fresta entre a disputa interna das igrejas pelo poder legítimo e a revolta material das classes desfavorecidas contra o latifúndio papal, justificando reformas como a extinção de juros e impostos múltiplos para reintegrar a pessoa humana em seus direitos naturais.⁷⁶

ANÁLISE DISCURSIVA SOB A ÓTICA DE ENI ORLANDI

Na perspectiva de Eni Orlandi, a linguagem não é transparente e o discurso não pode ser compreendido como uma mera transmissão neutra de informações.⁷⁷ O discurso é definido como a *palavra em movimento, prática de linguagem*,⁷⁸ cuja significação é necessariamente condicionada pelo contexto histórico e social de sua enunciação. Orlandi estabelece que as condições de produção são determinantes para a constituição do sentido, abrangendo tanto as circunstâncias imediatas da enunciação quanto o contexto sócio histórico amplo.⁷⁹

No caso do editorial de Duarte Costa, as condições imediatas são o *quinto aniversário de sua excomunhão* (6 de julho de 1950) e a consolidação de sua posição dissidente à frente da Igreja Católica Apostólica Brasileira. No entanto, como aponta Orlandi, as *condições de produção* em sentido amplo trazem à tona a historicidade e as contradições ideológicas do pós-guerra.⁸⁰ O discurso de Dom Carlos emerge em um cenário geopolítico tenso, no qual a derrota do fascismo deu lugar à divisão de influências entre o *Imperialismo do Vaticano* e o *Americano*. Ao mesmo tempo, no plano nacional, a fragilidade institucional, sob o governo de Eurico Gaspar Dutra e a memória das perseguições policiais do Estado Novo, sob Getúlio Vargas, fornecem as coordenadas históricas para que a pregação de Dom Carlos se configure, não como uma simples heresia religiosa, mas como um ato de *resistência patriótica* contra a *traição nacional*.⁸¹

76 BOURDIEU, 2007, p. 63-64.

77 ORLANDI, 1999, p. 9, 21.

78 ORLANDI, 1999, p. 15.

79 ORLANDI, 1999, p. 30.

80 ORLANDI, 1999, p. 30, 33.

81 ORLANDI, 1999, p. 30.





Um dos conceitos nucleares da *Análise de Discurso* de Orlandi é a tensão permanente entre *paráfrase e polissemia*.⁸² A *paráfrase* representa o *eixo da repetição*, o retorno aos mesmos espaços do dizer e a consolidação de formulações sedimentadas pela memória que buscam estabilizar e manter a mesmidade dos sentidos.⁸³ Por outro lado, a *polissemia* representa o *eixo do diferente*, a abertura para o desvio, a ruptura, a falha e o deslocamento dos processos tradicionais de significação, revelando que os sentidos estão sempre em processo de constituição histórica.⁸⁴

No editorial analisado, a significante *excomunhão* sofre um dramático deslocamento polissêmico. Na formação discursiva católica romana, de caráter ultramontano, o termo *excomungado vitando* está rigidamente cristalizado em uma *paráfrase* secular que significa exclusão absoluta, maldição eterna, pária cívico e morte espiritual.⁸⁵ O clero oficial utiliza a repetição litúrgica desse rito para exercer o controle sobre a interpretação religiosa legítima.⁸⁶

Contudo, Dom Carlos rompe com essa *rede parafrástica* e instaura a *polissemia* ao proclamar a *excomunhão* como o *maior benefício, a mim, concedido, o maior de todos, na minha vida*. Ao associar a punição canônica máxima a um ato de *ações de graças diante do altar de Deus*, o sujeito opera uma *torção discursiva radical*: a exclusão romana é traduzida como libertação nacional e coroamento espiritual. Esse deslocamento evidencia o que Orlandi denomina *o trabalho do equívoco, o diferente, a ruptura*,⁸⁷ que ocorre na fenda da memória institucionalizada da língua.

A análise discursiva de Orlandi postula que a comunicação não se dá entre sujeitos físicos empiricamente considerados, mas sim entre posições institucionais preenchidas por sujeitos. Esses sujeitos se relacionam por meio de formações imaginárias que resultam do lugar que ocupam nas estruturas sociais. De acordo com a autora, o que se projeta em um discurso

82 ORLANDI, 1999, p. 36.

83 ORLANDI, 1999, p. 36.

84 ORLANDI, 1999, p. 36-37.

85 ORLANDI, 1999, p. 36, 42.

86 ORLANDI, 1999, p. 10.

87 ORLANDI, 1999, p. 10, 36.





são imagens: *quem sou eu para que lhe fale assim? quem é ele para que eu lhe fale assim? e sobre o que estamos falando?*⁸⁸

Esse *jogo de projeções* regula as relações de força que sustentam o embate simbólico. Dom Carlos constrói o seu lugar de fala a partir do *altar de Deus*, revestindo-se da imagem do *verdadeiro bispo do Rio de Janeiro* que atua em nome de um *Cristo purificado*. Ele reivindica uma autoridade espiritual que se sobrepõe à do próprio Vaticano.⁸⁹ A partir dessa *formação imaginária* de legitimidade sagrada e sacrifício pessoal (*preso e incomunicável, fichado comunista*), ele estabelece uma *relação de forças assimétrica* com seus adversários. Ele projeta sobre Dom Jaime de Barros Câmara a imagem desmoralizadora de um *cardeal mentiroso e macaco numa loja de louça*, reduzindo o poder institucional do Cardeal à inépcia e à vaidade cortesã.⁹⁰ Dessa forma, o manifesto editorial atua deslocando as relações de força do *campo religioso oficial* para o *campo de combate nacionalista* e reformador.

Orlandi propõe uma *tipologia* discursiva fundamental, baseada na forma como os sujeitos e os referentes são gerenciados no texto, dividindo os discursos *em autoritário, lúdico e polêmico*. No discurso *polêmico*, a *polissemia* está aberta e o referente é ativamente disputado pelos interlocutores, que se mantêm em uma relação tensa de confronto direto. Diferente do discurso *autoritário*, onde o dizer é imposto de forma absoluta e sem questionamento, o discurso *polêmico* é uma prática de resistência e afrontamento, na qual os sentidos das palavras são disputados, palmo a palmo.⁹¹

O editorial *Tenho um Ideal* é um modelo clássico de funcionamento do discurso *polêmico*. Dom Carlos não apaga seus oponentes; ele os traz para a cena da enunciação, o Santo Ofício, o clero ultramontano, Getúlio Vargas, Dutra e Dom Jaime, para combatê-los e desconstruir seus discursos. Ele disputa ativamente o sentido do que significa ser um verdadeiro cristão, confrontando o clero romano, a quem acusa de conivência com a exploração do povo

88 ORLANDI, 1999, p. 39.

89 ORLANDI, 1999, p. 39.

90 ORLANDI, 1999, p. 39, 41.

91 ORLANDI, 1999, p. 86-87.





e de emitir encíclicas *mentirosas* como a *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*. Essa confrontação direta configura-se como um esforço explícito de resistência política e espiritual.⁹²

Por fim, Orlandi salienta a relevância do *não-dito* e do *silêncio* na *produção dos sentidos*, demonstrando que o silêncio não é apenas a ausência de som, mas sim um espaço significativo estruturante. Orlandi diferencia o *silêncio constitutivo* (necessário para que se possa dizer algo em detrimento de outras coisas) do *silêncio local* ou *censura*, que se manifesta sob a forma da exclusão e do apagamento das vozes divergentes.⁹³

O texto editorial de Dom Carlos expõe a engrenagem do silenciamento imposta pelas instituições oficiais de poder.⁹⁴ Ao relatar, minuciosamente, os efeitos do decreto do Santo Ofício que o declarou *excomungado vitando, ninguém pode se aproximar de mim, ninguém pode falar comigo, ninguém pode me vender nada*, o bispo descreve o esforço absoluto da Igreja Romana para impor o silêncio total sobre sua dissidência, isolando-o do laço social e eclesial. Além disso, o rótulo de *comunista* que lhe foi imposto pela polícia estatal funciona discursivamente como uma forma de *censura* e *apagamento ideológico*,⁹⁵ cujo objetivo era ocultar o fato de que a devassa policial em suas paróquias *nada encontrou que cheirasse a comunismo*. A denúncia do silenciamento e a manutenção polêmica do editorial representam, portanto, o desvelar das *estratégias de controle ideológico* da interpretação, monopolizada pelas classes dominantes.

A aplicação da *Análise de Discurso* de Eni Orlandi ao editorial de Dom Carlos demonstra que a dissidência de Dom Carlos não se restringiu a um mero desvio canônico. O bispo utilizou as fissuras institucionais e as *tensões polissêmicas* da época para construir um espaço de fala nacionalista e soberano na lacuna entre a fé religiosa e a militância nacionalista.⁹⁶ Ao desconstruir a *excomunhão* e as acusações ideológicas do governo Dutra, Duarte Costa

92 ORLANDI, 1999, p. 86-87.

93 ORLANDI, 1999, p. 82-83.

94 ORLANDI, 1999, p. 83.

95 ORLANDI, 1999, p. 83, 95.

96 ORLANDI, 1999, p. 36.





utilizou o próprio discurso religioso para interpelar o sujeito brasileiro comum, o *Zé Povo*, transformando a exclusão romana em capital discursivo de emancipação social e espiritual.⁹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação propôs-se a decifrar a complexa arquitetura simbólica, historiográfica e discursiva que sustenta o editorial *Tenho um Ideal*, de autoria de Dom Carlos Duarte Costa. Tendo em vista o problema de pesquisa formulado, que questionava como o bispo excomungado articulou sua dissidência religiosa e resistência ideológica diante da expropriação canônica imposta por Roma, estabeleceu-se como objetivo geral analisar as estruturas de sentido, o jogo de poder simbólico e as marcas de contestação presentes no referido manifesto sob a tríplice lente teórico-metodológica de Sirinelli, Bourdieu e Orlandi.

A mobilização articulada dessas três perspectivas, justificou-se pela necessidade de transcender as leituras puramente confessionais ou cronológico-factuais da fundação da Igreja Católica Apostólica Brasileira, oferecendo uma compreensão holística do texto, como um monumento historiográfico, uma *tomada de posição no campo do poder* e uma prática discursiva indissociável da história.

No que tange à primeira hipótese de trabalho, formulada, sob a ótica da *história dos intelectuais* de Sirinelli, os resultados alcançados demonstram sua confirmação. O percurso biográfico de Dom Carlos evidenciou-se como um legítimo *itinerário* de ruptura espiritual e engajamento político, no qual o clérigo assumiu com vigor o papel de *intellectuel engagé* nas funções de ator e testemunha das fraturas geopolíticas e sociais de seu tempo.⁹⁸ A *excomunhão*, decretada pelo Santo Ofício em 1945, não significou o seu apagamento; ao contrário, foi o estopim para a criação de uma *estrutura de sociabilidade* dissidente que encontrou na revista *Luta!* e na fundação da ICAB seus principais vetores de consolidação institucional.⁹⁹

97 ORLANDI, 1999, p. 39, 45, 86.

98 SIRINELLI, 1986, p. 99.

99 SIRINELLI, 1986, p. 97, 101.





Através da publicação de seus manifestos, Dom Carlos logrou erigir um *microclima* de solidariedade herética que uniu intelectuais reformistas, clérigos nacionalistas e leigos oprimidos, oferecendo uma resposta organizada e coesa a uma sensibilidade geracional do pós-guerra, que repudiava a ingerência do ultramontanismo romano e a submissão do governo Dutra, aos interesses do imperialismo ocidental.¹⁰⁰

Simultaneamente, a segunda hipótese de trabalho, orientada pela *sociologia da cultura e do campo religioso* de Bourdieu, pareceu empiricamente consistente, ao desvelar a *economia das trocas simbólicas* travada na arena espiritual brasileira de 1950. O editorial analisado revelou-se um formidável instrumento de contestação herética contra o monopólio da administração legítima dos *bens de salvação*, historicamente centralizado pelo aparelho burocrático vaticanista.¹⁰¹ Desprovido do *capital institucional* de Roma, Duarte Costa investiu-se do papel típico-ideal do *profeta* concorrente, cuja autoridade carismática baseava-se em sua *conduta exemplar de sacrifício, sofrimento e perseguição*.¹⁰²

Ao atacar a figura clerical do *sacerdote-burocrata*, personificada no Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, o bispo excomungado desconstruiu a *alquimia ideológica* do Vaticano, expondo que as encíclicas sociais *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno* funcionavam, em verdade, como *sociodiceias* destinadas a encobrir o vasto latifúndio papal e a legitimar as relações de opressão econômica, que pauperizavam o *Zé Povo*.¹⁰³

Por fim, a terceira hipótese de trabalho, alicerçada na *Análise de Discurso* de Orlandi, consolidou a interpretação da materialidade textual como um espaço de luta ideológica. Ficou demonstrado que Duarte Costa desafiou as formas de controle da interpretação, historicamente delegadas às autoridades instituídas,¹⁰⁴ operando uma *insurreição semântica*. Ao submeter o termo *excomunhão* a um violento *deslocamento polissêmico*, o sujeito discursivo rompeu

100 SIRINELLI, 1986, p. 104-105.

101 BOURDIEU, 2007, p. 27, 60.

102 BOURDIEU, 2007, p. 58, 61.

103 BOURDIEU, 2007, p. 49, 71, 120.

104 ORLANDI, 1999, p. 10.





com os processos *parafrásticos* da liturgia ortodoxa romana e ressignificou a exclusão como a maior honraria e benefício de sua trajetória.¹⁰⁵

O funcionamento do manifesto editorial como um *discurso polêmico* permitiu que o locutor trouxesse seus oponentes para a cena enunciativa, disputando ativamente o referente da verdadeira fé cristã e do autêntico patriotismo.¹⁰⁶ Ademais, a análise do jogo entre o *dito* e o *não-dito* expôs como as falsas acusações de *comunismo* e o silenciamento legal imposto pela cláusula de *excomungado vitando* foram convertidos em marcas discursivas de resistência, evidenciando as formas de *censura* e *ideologia*, que regulavam as *condições de produção* da época.¹⁰⁷

Em suma, as considerações finais deste artigo apontam que as três hipóteses de pesquisa se confirmaram e se complementam de maneira indissociável. A confluência das lentes de Sirinelli, Bourdieu e Orlandi permitiu demonstrar que o manifesto *Tenho um Ideal* não representa um mero desabafo individual de um prelado isolado, mas sim um *monumento de insurreição político-espiritual*. Duarte Costa utilizou a *violência simbólica* de sua *excomunhão* como o *ponto de Arquimedes*, necessário para desestabilizar o monopólio eclesiástico ultramontano e inaugurar uma nova formação discursiva nacionalista no Brasil.

Ao situar a linguagem em seu devido terreno sócio histórico, esta pesquisa oferece uma modesta contribuição interdisciplinar, provando que o estudo do *discurso religioso*, quando despidido de *ingenuidades linguísticas* e dogmáticas, revela as pulsações mais profundas da história, do poder e da *resistência ideológica*.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos, v. 20).

105 ORLANDI, 1999, p. 36-37.

106 ORLANDI, 1999, p. 86.

107 ORLANDI, 1999, p. 82-83.





COSTA, Dom Carlos Duarte. Tenho um Ideal. **Luta!**, Rio de Janeiro, n. 12, jul. 1950. Editorial.

LEÃO XIII. **Rerum novarum**: sobre a condição dos operários. Roma, 15 maio 1891. Disponível em: Vatican.va – Rerum Novarum. Acesso em: 23 jul. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PIO XI. **Quadragesimo anno**: sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no XL aniversário da encíclica Rerum novarum. Roma, 15 maio 1931. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 23 jul. 2026.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité ? une história en chantier : l'histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, n. 9, p. 97-108, jan.-mars. 1986.

Recebido em: 06/08/2026

Aprovado em: 30/08/2026

Publicado em: 17/09/2026

